

## Introdução

Como Passei a Buscar o Prazer Cristão

Você pode virar o mundo de pernas para o ar apenas mudando uma palavra em seu credo.

**PERGUNTA 1. Qual é o fim principal do homem?**

**RESPOSTA. O fim principal do homem é glorificar a Deus, e gozá-lo para sempre.**

**Referências: Rm 11.36; 1Co 10.31; Sl 73.25-26; Is 43.7; Rm 14.7-8; Ef 1.5-6; Is 60.21; 61.3.**

"E"? Como arroz e feijão? Às vezes você glorifica Deus e às vezes se alegra nEle? Às vezes Ele recebe a glória, e às vezes você recebe a alegria?

"E" é uma palavra muito ambígua! Que relação essas duas coisas têm entre Si?

É evidente que os antigos teólogos não achavam que estavam falando de duas coisas.

Eles disseram "fim supremo e principal", não "principais finalidades". Glorificar a Deus e gozá-lo eram uma só finalidade em sua mente, não duas. Como pode ser isso?

É disso que trata esse estudo.

Não que nos importemos muito com a intenção de teólogos do século XVII. Importa-nos, porém, tremendamente com a intenção de Deus na Bíblia. O que Deus tem a dizer sobre a principal finalidade do ser humano? Como Deus nos ensina a dar-lhe glória? Ele nos ordena a nos alegrar nEle? Nesse caso, como essa busca da alegria em Deus se relaciona com tudo mais? Sim, tudo! "Quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus".

A preocupação principal desse estudo é que em tudo na vida Deus seja glorificado da maneira que Ele indicou. Com esse objetivo, esse livro pretende convencê-lo de que:

O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus, ao gozá-lo plena e eternamente.

### Como passei a buscar o prazer cristão

No início eu tinha uma noção vaga de que, se eu fizesse alguma coisa boa e me alegrasse com minha ação, eu estragaria o que havia de bom nela, pois descobri que o que havia de bom nas minhas ações morais era diminuído à medida que eu era motivado pelo desejo do meu próprio prazer. Comprar sorvete apenas por prazer não me incomodava, porque as consequências morais dessa ação pareciam ser insignificantes, mas ser motivado pelo anseio por felicidade ou prazer quando me apresentava como voluntário para o trabalho cristão ou quando ia ao culto, isso me parecia egoísta, utilitário, mercenário. Eu não conseguia formular um motivo alternativo que funcionasse. Encontrei em mim um anseio imenso de ser feliz, um impulso tremendamente poderoso para buscar o prazer, mas sabia que esse impulso não devia influenciar-me.

Uma das áreas de maior frustração era a de adoração e louvor. Minha noção de que, quanto mais elevada fosse a atividade, menos deveria haver de interesse próprio nela, fazia-me pensar no louvor quase exclusivamente em termos de dever. E isso tira a essência da coisa.

Então fui convertido ao prazer cristão. Em questão de semanas vim a compreender que é antibíblico e arrogante tentar adorar a Deus por qualquer outra razão que não o prazer de estar nEle. Não em Seus dons, não em Seus benefícios, não em nós mesmos, mas nEle.

Seguem permita-me descrever a série de constatações que me levaram a buscar o prazer cristão.

1) Todas as pessoas buscam a felicidade. Não há exceção para isso. Sejam quais forem os meios diferentes que empreguem, todos objetivam esse alvo. A razão de alguns irem à guerra, e de outros a evitarem, é o mesmo desejo em ambos, visto de perspectivas diferentes.

A vontade nunca dará o último passo em outra direção. Esse é o motivo de cada ação de todo ser humano. Essa declaração combinou tão bem com meus próprios anseios profundos e com tudo o que sempre tinha visto nos outros, que a aceitei e jamais encontrei alguma razão para duvidar dela. Buscar a própria felicidade não era pecado; é um traço comum da natureza humana. É uma lei do coração humano, assim como a gravidade é uma lei da natureza.

2) Há na primeira página um sermão de C. S. Lewis, "Peso de glória" a seguinte citação: Se você perguntasse a vinte homens íntegros dos nossos dias qual acreditam ser a maior das virtudes, dezenove responderiam: "abnegação". Mas se perguntasse a qualquer um dos grandes cristãos do passado ele diria: "amor". Você percebe o que aconteceu? O termo positivo foi substituído por um negativo, e isso tem uma grande importância. O ideal de abnegação traz consigo, basicamente, a noção não de procurar o benefício dos outros, mas de prescindirmos nós desse benefício, como se o importante fosse não a felicidade alheia, mas a nossa abstenção. Não me parece ser essa a virtude cristã do amor. O Novo Testamento tem muito a declarar sobre renúncia, mas não da renúncia como um fim em si. Ele diz-nos que devemos negar a nós mesmos e tomar a nossa cruz para poder seguir a Cristo. E quase todas as descrições da recompensa que se seguirá a essa renúncia contêm um apelo ao desejo natural de felicidade.

A noção de que é errado desejar a nossa felicidade não está na fé cristã. Na realidade, se considerarmos as grandes promessas de galardão e a espantosa natureza das recompensas prometidas nos evangelhos, diríamos que nosso Senhor considera nossos desejos não demasiadamente grandes, mas demasiadamente pequenos. (I Co 2:9)

Somos criaturas divididas, correndo atrás de álcool, sexo e ambições, desprezando a alegria infinita que se nos oferece, como uma criança ignorante que prefere continuar fazendo bolinhos de areia numa favela, porque não consegue imaginar o que significa um convite para passar as férias na praia. Contentamo-nos com muito pouco.

Estava tudo ali às claras, e para minha mente era totalmente convincente: não é errado desejar o próprio bem. De fato, o grande problema das pessoas é que é muito fácil satisfazê-las. Não buscam o prazer nem de longe com a determinação e a paixão com que deveriam.

Assim, contentam-se com bolos de barro, e não com delícias infinitas.

Nosso erro não está na intensidade do nosso anseio por felicidade, mas na sua fraqueza.

3) O homem no jardim do Edem já teve a verdadeira felicidade, da qual agora resta nele apenas o sinal e o espaço vazio, que ele tenta em vão preencher com as coisas ao seu redor, procurando em coisas ausentes a ajuda que não obtém nas coisas presentes.

Essas, porém, são todas incapazes, porque o abismo infinito pode ser preenchido somente por um objeto infinito e imutável, ou seja, apenas pelo próprio Deus.

Muitas vezes tentamos reprimir nosso tremendo anseio por felicidade para poder louvar a Deus honestamente a partir de algum motivo mais "elevado", menos egoísta. (Eu e Marlon).

Nosso suspiro persistente e inegável por felicidade não deve ser reprimido, mas satisfeito em Deus! Assim a convicção crescente de que o louvor deve ser motivado apenas por essa felicidade que encontramos em Deus nos será cada vez menos estranha.

4) Em outra obra do autor C. S. Lewis, "Uma palavra sobre o louvor", ele diz que, quando estava começando a crer em Deus, um grande empecilho foram as várias exigências, dispersas pelos salmos, de que deveria louvar a Deus. Ele não via o sentido disso tudo; além disso, parecia que isso mostrava Deus ansiando "por nossa adoração como uma mulher vaidosa por elogios".

Ele passa a mostrar porque estava errado, diz ele: Eu o considerava um tipo de elogio, aprovação ou honra. Jamais eu percebera que toda alegria transborda espontaneamente em louvor. [...] O mundo ressoa do louvor: apaixonados louvam suas amadas; leitores, seu poeta favorito; caminhantes, a paisagem; jogadores, seu jogo predileto...

Minha dificuldade maior e mais geral com o louvor de Deus dependia do absurdo de querer negar, no que tange ao valor supremo, o que gostamos de fazer.

Creio que gostamos de louvar o que nos alegra porque o louvor não apenas expressa mas completa a alegria; ele é sua consumação pretendida.

Esse era o elemento que faltava à minha busca do prazer. Louvar a Deus, a vocação mais elevada da humanidade e nosso chamado eterno, não implicava renúncia, antes a consumação da alegria que eu tanto desejava. Meu antigo esforço de realizar a adoração sem interesse próprio nela provou ser uma contradição de termos. Nós adoramos apenas o que nos compraz. Não existe algo como adoração triste ou louvor infeliz.

Temos um nome para os que tentam louvar quando não têm prazer no objeto. Nós os chamamos de hipócritas. Esse fato — que o louvor significa prazer completo e que a finalidade primordial do ser humano é beber intensamente desse prazer— talvez tenha sido a descoberta mais libertadora que jamais fiz.

5) Se voltarmos aos salmos encontraremos a linguagem do prazer em todo lugar. A busca do prazer não é opcional, mas uma ordenança: "Agrada-te do Senhor, e ele satisfará os desejos do teu coração" (Sl 37.4). O salmista tentou fazer exatamente isso: "Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo" (Sl 42.1,2). "A minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água" (Sl 63.1). O tema da sede tem sua contrapartida de matar a sede quando o salmista diz que as pessoas "fartam-se da abundância da tua casa, e na torrente das tuas delícias lhes dás de beber" (Sl 36.8).

Descobri que a bondade de Deus, que é a própria base da adoração, não é algo que você saúda num gesto de reverência desinteressado. Não, devemos nos regozijar nela: "Oh! Provai e vede que o Senhor é bom" (Sl 34.8). "Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais que o mel à minha boca" (Sl 119.103).

Como diz C. S. Lewis, nos salmos Deus é o "objeto que a tudo satisfaz". Seu povo o adora sem constrangimento, pela "grande alegria" que encontra nele (Sl 43:4). Ele é a fonte de prazer completo e infundável: "Na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente" (Sl 16.11).

Esses são alguns argumentos para sermos cristãos que busquem o prazer. Meditando nessas coisas emergirá uma filosofia que vai tocar todas as áreas da sua vida.

Tenho a convicção de que ela é bíblica, de que preenche os anseios mais profundos do nosso coração e de que honra o Deus e Pai do nosso senhor Jesus Cristo.

Este estudo existe para recomendar essas coisas a todos os que quiserem escutar.

Muitas objeções vão se levantar na mente das pessoas quando me ouvirem falando desse jeito. Espero que o estudo responda aos questionamentos mais sérios. Mas talvez eu possa desarmar de antemão um pouco da resistência, fazendo alguns comentários esclarecedores.

Primeiro, o prazer cristão, no sentido com que eu uso o termo, não quer dizer que Deus se torna um meio de ajudar-nos a conseguir prazeres mundanos. O prazer que o cristão busca é o que

está no próprio Deus. Ele é o fim da nossa busca, não o meio para algum outro fim. Nossa grande alegria é ele, o Senhor — não as ruas de ouro, ou a reunião com parentes ou qualquer outra bênção do céu. O prazer cristão não reduz Deus a uma chave que abre um baú cheio de prata e ouro. Antes, ele busca transformar o coração de tal modo que "o Todo-poderoso será o teu ouro e a tua prata escolhida" (Jó 22.25).

Segundo, o prazer cristão não faz do nosso prazer um deus. Ele diz que já fizemos um deus de tudo mais em que temos prazer. O objetivo do prazer cristão é ter o maior prazer no único Deus, evitando assim o pecado da cobiça, que é idolatria (Cl 3.5).

Terceiro, o prazer cristão não nos coloca acima de Deus quando o buscamos com interesse pessoal. Um paciente não é maior que seu médico.

Quarto, o prazer cristão não é uma "teoria geral de justificação moral". Em outras palavras, uma ação só é correta porque gera prazer. Não podemos decidir o que é certo usando a alegria como critério moral. Devemos fundamentar o fato espantoso e muito negligenciado de que algumas dimensões da alegria são um dever moral em toda adoração genuína e em todos os atos virtuosos. Amar a Deus não é bom porque traz alegria, mas Deus ordena que encontremos alegria amando a Deus ("Deleita-te no Senhor", Sl 37.4). Amar pessoas não é bom porque traz alegria, mas Deus nos ordena que encontremos alegria em amar as pessoas ("Quem exerce misericórdia, [faça-o] com alegria", Rm 12.8). Não me aproximo da Bíblia com uma teoria hedonista de justificação moral. Pelo contrário, encontro na Bíblia o mandamento divino de ser alguém que busca o prazer - Isto é, de esquecer os prazeres do mundo, inferiores, pouco vantajosos, efêmeros, que nunca satisfazem, destroem pessoas e desfazem de Deus, e de vender tudo "transbordante de alegria" (Mt 13.44) para ler o reino do céu, e assim "entrar no gozo do seu senhor" (Mt 25:21,23). Em resumo, devo ser um cristão que busca o prazer não por alguma razão filosófica ou teórica, mas porque Deus o ordena (mesmo concedendo que ele não manda que usemos esses termos!).

Quinto, eu não digo que a relação entre amor e felicidade é esta: "verdadeira felicidade requer amor". Isso seria uma simplificação exagerada, que deixa de lado a questão crucial e definitiva. O traço que distingue o prazer cristão não é que a busca do prazer requer virtude, mas que a virtude consiste essencialmente, mesmo que não apenas, na busca do prazer.

A razão por que chego a essa conclusão é que não estou agindo aqui como um hedonista filosófico, mas como um teólogo bíblico e pastor que procura seguir os mandamentos divinos:

De "amar a misericórdia" (não apenas exercê-la, Mq 6.8);

De "exercer misericórdia com alegria" (Rm 12.8);

De sofrer "com alegria o espólio dos bens", em benefício dos prisioneiros (Hb 10.34);

De "dar com alegria" (2Co 9.7);

De tornar nossa alegria a alegria dos outros (2Co 2.3);

De pastorear o rebanho de Deus de boa vontade, "desejoso de servir" (1Pe 5.2);

De atender às necessidades espirituais das pessoas "com alegria" (Hb 13.17).

Quando você reflete por tempo e profundidade suficientes nesses mandamentos surpreendentes, as implicações morais são de nos deixar pasmos. O cristão que busca o prazer tentará levar esses mandamentos divinos vitalmente a sério. A conclusão é penetrante e muda radicalmente nossa vida: a busca da virtude genuína inclui a busca da alegria, porque a alegria é um componente essencial da verdadeira virtude. Isso é diametralmente oposto a dizer: Vamos todos ser bons porque isso nos fará felizes.

Sexto, o prazer cristão não é uma distorção dos catecismos de fé reformados e históricos. O que é marcante no começo do Catecismo de Heidelberg não é que eu não posso alterá-lo com propósitos hedonistas, mas que eu não preciso fazê-lo. O prazer cristão não distorce os catecismos reformados históricos. Tanto o Catecismo de Westminster como o de Heidelberg começam com a preocupação com o prazer do ser humano em Deus, ou sua busca por "viver e morrer feliz".

### **Definindo o que é prazer cristão**

Maneiras novas de olhar para o mundo (mesmo que sejam de séculos atrás) não se prestam a definições simples. Juízos rápidos e superficiais estarão quase com certeza errados.

Segue a predefinição (a definição completa, a teremos no fim do estudo:

O prazer cristão é um modo de vida baseada nas cinco convicções seguintes:

- O anseio por ser feliz é uma experiência humana universal, e é algo bom, não pecaminoso;
- Jamais devemos tentar negar ou resistir ao nosso anseio por ser felizes, como se isso fosse um impulso mau. Pelo contrário, devemos tentar intensificar esse anseio e alimentá-lo com tudo que proveja a satisfação mais profunda e permanente;
- A felicidade mais profunda e permanente encontra-se apenas em Deus. Não com origem em Deus, mas em Deus;
- A felicidade que encontramos em Deus atinge sua consumação quando compartilhada com outros nos multiformes caminhos do amor;
- Na mesma medida em que tentamos abandonar a busca do prazer próprio, deixamos de honrar a Deus e de amar as pessoas. Ou, para usar termos afirmativos: a busca do prazer é parte necessária de toda adoração e virtude. Ou seja, O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus ao gozá-lo plena e eternamente.

### **A raiz da questão**

Esse estudo será predominantemente uma meditação nas Escrituras.

Será expositivo e não especulativo. Se eu não puder mostrar que o prazer cristão vem da Bíblia, não posso esperar que alguém se interesse por ele, muito menos que se convença.

Há milhares de filosofias feitas por homens na vida. Se esta for mais uma, deixe-a de lado.

Há apenas uma rocha: a Palavra de Deus. No final das contas, apenas uma coisa importa: glorificar a Deus da maneira por ele indicada. É por isso que busco o prazer cristão. Por isso vamos fazer esse estudo.